
Letramentos Múltiplos e Inclusão Social

Multiple Literacy and Social Inclusion

Vanda Bartalini Baruffaldi

Resumo

Em Letramentos múltiplos, escola e inclusão social, Roxane Rojo reflete sobre conceitos relacionados à leitura e à escrita associando-os aos problemas relativos ao insucesso escolar. Pondera que essa realidade prejudica a inserção social do indivíduo. Enfatizando a urgência de sua resolução, Rojo lembra que o objetivo fundamental da escola é oferecer subsídios que permitam ao aluno, pelo domínio da leitura e da escrita, inserir-se adequadamente na sociedade.

Palavras-chave: Leitura, Escrita. Inserção social.

Abstract

In Multiple Literacy, School and Social Inclusion, Roxane Rojo focus the concepts concerning reading and writing, relating them to the school failure. The linguist points out that this is a serious problem which needs to be urgently overcome. Rojo emphasizes that the main objective of the school is to give grants that enable the student, by dominating lecture and writing performances, takes place into the society.

Keywords: Reading. Writing. Social inclusion.

Preâmbulo

Tem-se como indispensável, no Brasil do século XXI, tratar de questões relacionadas à educação, pois é voz corrente que o país dá pouca atenção à área que se considera primordial para alavancar o avanço socioeconômico de qualquer nação.

Países mais desenvolvidos são frequentemente apontados como modeloS a serem seguidos se quisermos melhorar nossa condição no mundo: Coréia do Sul, Finlândia, Dinamarca são citados como sociedades que investiram no sistema educacional e conseguiram se colocar no pódio dos Estados que oferecem, a sua população, condições de vida que são privilegiadas.

Não é o caso do Brasil. Ainda que nossos políticos, em suas campanhas, sempre se comprometam a aumentar o contingente de jovens que devem frequentar os bancos escolares;

mesmo que garantam o compromisso em aprimorar a qualidade de ensino, continuamos a ver nossos sistema educacional como um tecido seriamente esgarçado em que os alunos não aproveitam devidamente os conteúdos que lhes são transmitidos e, em vista desse insucesso, ou se desinteressam pelas aulas, criando propalada apatia, ineficiente diante do estudo, ou abandonam as salas de aula, aumentando as estatísticas que denunciam a evasão escolar.

1. Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social: Comentários Sobre uma Publicação

A fim de abordar esse problema, Roxane Rojo escreveu o livro *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, destinado aos que se interessam por educação linguística em geral e, particular, à relacionada ao português. Doutora em linguística aplicada ao ensino de línguas pela PUC de São Paulo, Rojo cursou o pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade de Genebra, onde se especializou na área de Didática das Línguas. Atualmente leciona na PUC de São Paulo e no Instituto de Estudos Linguísticos da UNICAMP, o IEL. É ainda pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da UFMG, onde desenvolve um trabalho integrado entre UNICAMP, UFMG e UFPE. Atuou, durante o quadriênio 2010-2014, no CNPq, também como pesquisadora, no projeto “Multiletramentos e abordagem da diversidade cultural no ensino da língua materna: papel dos materiais didáticos”.

Durante dez anos, atuou no Programa Nacional do Livro Didático (o PNLD) ora como coordenadora geral ora como membro de equipes responsáveis pela avaliação do livro didático para o ensino de língua portuguesa. Suas publicações e projetos de pesquisa ligam-se, portanto, às questões que envolvem a linguagem verbal e abrangem temas como alfabetização, letramento, Multiletramentos, presença de gêneros orais e escritos na escola, como prova a recente parceria que constituiu com Jacqueline P. Barbosa para produzir o livro *Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos*.

Em *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, evidencia sua preocupação não apenas com a alardeada baixa qualidade do aproveitamento dos alunos, mas também com o abandono do sistema escolar que se verifica entre os integrantes das classes sociais mais baixas.

2. Descrição da Obra

Trata-se de uma publicação de pouco mais de cem páginas – 127, para usar de precisão – em que a autora entrelaça reflexões sobre conceitos relativos à leitura e escrita com os problemas referentes ao insucesso escolar, lembrando que essa realidade afeta a inserção social do indivíduo, daí a urgência em sua resolução. Para Rojo, é essencial ter em mente que o objetivo fundamental da escola é oferecer subsídios que permitam ao aluno, por meio de suas habilidades de ler e escrever, inserir-se adequadamente nas chamadas “práticas sociais”.

O conteúdo está distribuído em seis capítulos, divididos em duas partes e introduzidos por um pequeno resumo que direciona o olhar do leitor para o assunto a ser abordado. Na primeira parte, são focalizados tópicos teóricos, como desenvolvimento da escrita e da leitura, relações entre sons e letras, Multiletramentos. Na segunda, que Rojo chama de *Atividades*, são propostas questões dirigidas a professores para que eles reflitam sobre uma gama variada de

temas: tipos de interesses demonstrados por alunos e suas famílias fora do ambiente escolar, por exemplo; problemas ligados ao maior ou menor domínio da fala e da escrita por estudantes sejam eles mais sejam menos proficientes nessas habilidades.

Também faz parte do livro um curioso anexo – o “Glossário de MSN” – que contém as abreviaturas mais usadas por quem se utiliza do chamado “internetês”. Encontram-se ali verbetes como blz (=beleza), koeh (= qual é) xempli (=sempre), seguidos de reflexões da prof. Maria Aparecida Ribeiro, da PUC – RJ, acerca dos empregos dessa nova e controvertida forma de linguagem.

A preocupação que conduz o raciocínio da autora no decorrer de seu trabalho encontra-se expressa no título: a exclusão escolar. Por essa razão, são esboçadas soluções que poderiam minimizar esse efeito. Já no primeiro capítulo – “O insucesso escolar no Brasil do século XX” –, a professora lembra que, embora o papel fundamental da escola seja tornar significativo o processo de aprendizagem, é evidente o fracasso nessa área, uma vez que os estudantes não apenas deixam de absorver os ensinamentos do professor como também aumentam as cifras da evasão da escola.

Para provar o primeiro aspecto, Rojo cita e discute os resultados obtidos por uma série de exames que visam a medir o aproveitamento da aprendizagem e que evidenciam suas fragilidades. É o caso do SAEB e do SARESP, para citar dois exemplos.

2.1. A Polêmica dos Conceitos

Na tentativa de encontrar as causas dessa realidade, a autora procura verificar de que modo nosso sistema escolar trabalha com conceitos como o de letramento, alfabetização e alfabetismo, concluindo que eles são tratados de forma pouco clara pelos agentes da alfabetização.

Esses termos serão retomados no decorrer de todos os capítulos, mas, a respeito deles, escreve, já no “Prólogo” (p. 10), que alfabetismo, alfabetização e letramento constituem

[...] um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita e outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos.

Não obstante essa conceituação inicial - genérica e talvez excessivamente abstrata, aos poucos, Rojo coloca o leitor a par das sutilezas que diferenciam um termo do outro. Assim, se *alfabetização* deve ser entendida como a ação de alfabetizar, isto é, de ensinar a ler e a escrever – tarefa primordial da escola –, *alfabetismo* é, na visão da autora, um conceito complexo, que envolve uma série de habilidades: ler, escrever, compreender, pois é fundamental lembrar que, para que o usuário da língua seja considerado leitor, não basta decodificar letras. É necessário que ele acione o conhecimento de mundo, seu repertório que, por sua vez, deve ser articulado com a temática e com as ideias desenvolvidas em um texto, permitindo, dessa forma, um diálogo entre produtor e receptor.

A autora apoia-se em Soares (2003) para sustentar a tese de que o conceito de *alfabetismo* é variável, porque ele muda de acordo com as tendências da sociedade. Na página 45, lemos a visão de Rojo:

Se, na primeira metade do século passado, podíamos definir como alfabetizado aquele que sabia ler e escrever o próprio nome, já em 1958, a UNESCO define como alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado.

Essa mudança no entendimento do que vem a ser alfabetismo justifica a identificação dos vários níveis em que ele pode ser classificado. O INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) admite quatro escalas para avaliar a população analisada. Na página p.46, temos:

- Analfabeto: aquele que não realiza tarefas simples, como decodificar palavras ou pequenas frases;
- Nível 1: é o que apresenta nível rudimentar de domínio linguístico;
- Nível 2: trata-se do sujeito que possui um alfabetismo referente ao uso básico da língua;
- Nível 3: o usuário demonstra um desempenho considerado satisfatório em todas as habilidades linguísticas.

Resultados obtidos pelo INAF em 2005 mostraram que, na época, 38% da população brasileira era considerada alfabetizada em nível básico e apenas 26% em nível pleno (7% eram analfabetos e 30% apresentavam nível rudimentar de alfabetismo).

Após se referir aos conceitos de alfabetização e alfabetismo, a professora envereda pelo sentido de *letramento*, definido, a seu ver, como um conjunto das práticas sociais que se desenvolvem nos mais diferenciados contextos de nossas vidas. Ele permite escalar os níveis de alfabetismo que um usuário da língua possui.

Rojo esclarece que foi criada uma polêmica em torno do uso do termo. Soares (2003), por exemplo, considera-o desnecessário. Mas a autora da obra aqui analisada sustenta, na página 98, que:

...vale a pena insistir na distinção: o termo alfabetismo tem um foco individual [...] enquanto o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou outra maneira, sejam eles valorizados ou não [...]

2.2. A Qualidade do Ensino: uma Meta Ainda não Atingida

O segundo capítulo denomina-se “Letramento escolar: resultados e problemas”. Nele, Rojo lembra que o Brasil conseguiu ampliar o número de vagas para alunos de 7 a 11 anos no ensino fundamental da rede pública. O feito, certamente, é importante. Todavia, a conquista não veio acompanhada nem da qualidade do aprendizado (na página 35, lê-se: 41% dos jovens brasileiros do final do ensino médio apresentam capacidade de leitura abaixo das expectativas) nem da permanência na escola.

Cabe a pergunta, então: o que ocorre com esses alunos que têm permanência tão longa nas salas de aula, mas que são incapazes de desenvolver competências linguísticas satisfatórias? Para Rojo, esses fracassos não podem ser atribuídos a fragilidades na

aprendizagem. Devem ser responsáveis, antes, de deficiências do ensino. Daí a necessidade de se repensarem as estratégias do ato de ensinar.

No capítulo seguinte, a autora mantém evidente sua preocupação. É o que prova o título atribuído a ele: “Letramento da população brasileira”. Nele, procura colocar seu leitor a par dos resultados obtidos por indicadores que focalizam o alfabetismo funcional e o letramento da população brasileira em geral.

Os três últimos capítulos destinam-se, cada um deles, a aprofundar os conceitos anteriormente abordados por Rojo. Em “Alfabetização – o domínio das relações entre os sons da fala e as letras da escrita” e “Alfabetismo (s) – Desenvolvimento de competências de leitura e escrita”, a autora volta-se para as habilidades que devem ser desenvolvidas nos alunos em relação ao domínio de uma determinada competência linguística.

No quarto, como o nome indica, encontram-se referências às relações entre sons e letras. Apoiando-se no pensamento de A.G. Morais (2002a e b), Rojo lembra que essas articulações, ao contrário do que pode parecer, são complexas e requerem esforço do alfabetizando para assimilá-las, sobretudo quando revelam irregularidades como o caso do *x*, que possui várias representações fonéticas.

Nota-se ainda, no capítulo, o interesse da autora em abordar criticamente processos de avaliação assim como examinar dados de alfabetização e do que ela chama de ortografização, tendo como base textos produzidos por alunos.

Alfabetismo (s) – Desenvolvimento de competências de leitura e escrita é o título do capítulo seguinte, o quinto, onde se encontram relacionadas algumas habilidades acionadas sempre que o usuário da língua deve ler ou escrever com competência. Observa-se, uma vez mais, a preocupação com a análise das atividades avaliativas assim como o estudo das capacidades leitoras dos estudantes, mais uma vez tendo em vista a formulação de propostas que visem a aprimorar a performance de alunos que se encontram nos mais diversos níveis de alfabetismo.

Em “Letramento (s): Práticas de letramento em diferentes contextos”, Rojo retoma o conceito de letramento, aprofundando-o e indicando as várias tipologias reconhecidas nele pelos especialistas. Citam-se, então, o letramento forte e o fraco; o autônomo e o ideológico; os múltiplos, multissemióticos e críticos; os locais e os globais; os dominantes e os marginalizados. Todos valorizados para a prática das relações ensino/aprendizagem, todos devidamente explicados e alguns usados como base para exercícios.

Não obstante os sete anos que separam sua publicação de 2016, o livro da professora Roxane Rojo mantém-se atualizado. Por meio de uma prosa fluente e de explicações claras, enfatiza a necessidade de inovar o trabalho que visa ao desenvolvimento da competência e da performance linguísticas. A constante preocupação em relacionar teoria e prática a fim de tornar mais eficiente o aprendizado; a busca em manter vivo o diálogo com o leitor faz dele uma leitura indicada aos que se propõem trabalhar com o desempenho na linguagem verbal não apenas em sala de aula, mas também em situações que, embora menos formais, não são menos importantes para o desenvolvimento do indivíduo.

3. Um Estudo Comparativo

Antes de encerrar, talvez caibam algumas considerações acerca do livro *Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos*, obra que, conforme se registrou anteriormente, foi escrita em parceria com Jacqueline P. Barbosa. O volume apresenta pequenas diferenças de estrutura em relação a este que foi destacado nesta resenha: possui quatro capítulos que, diferentemente de *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, não se iniciam com uma síntese do conteúdo que o leitor encontrará nas páginas seguintes, mas com uma pequena citação de estudiosos dos problemas linguísticos como Mikhail Bakhtin e Jay L. Lemke.

Um resumo norteador dos capítulos, entretanto, logo se faz presente e, da mesma forma que a publicação feita em 2009, esta, de 2015 mantém aberto o diálogo com o professor, a quem se dirigem as reflexões e os exercícios que colocam em prática as questões teóricas expostas anteriormente. O trabalho apresenta, portanto, o mesmo tom acessível, pragmático, didático – sem ser reducionista – do anterior. Como escreve Carlos Alberto Faraco na contracapa do volume:

O livro nos brinda com um texto de densidade teórica e de mergulho na vida. Os exemplos e as atividades não apelam para casos inventados, mas para situações concretas. E as situações teóricas não se esgotam na mera reprodução parafrástica. Bem ao contrário: sua referência é Bakhtin e seu Círculo, mas postos em interação com outros pensadores (...).

Trata-se, portanto, como o publicado em 2009, de um trabalho que reflete as preocupações e as tendências de nossa época. Ao tratar dos gêneros discursivos, as autoras não se limitam a focalizar as modalidades canônicas – os textos descritivos, narrativos, dissertativo-argumentativos e/ou expositivos – utilizadas no universo escolar ou acadêmico. Antes, enveredam pelas diversas formas de expressão, vinculadas ao que teóricos, como os franceses Gilles Lipovetsky e Sebastien Charles¹, denominam de hipermodernidade.

Devido a esse ponto de partida, o leitor encontra análises de textos que circulam pela *web* – onde se miscigenam técnicas como remixagem e hibridização; estudos daqueles veiculados em jornais e revistas; abordagens de *playlists*, de *fanclipes*. É uma tentativa de mostrar que esses novos gêneros deveriam fazer parte das programações que regem o sistema escolar.

Certamente essa nova publicação feita pela professora Roxane Roxo em parceria com Jacqueline Peixoto Barbosa merece uma análise mais aprofundada do que esta que se registra neste espaço. Ou, antes, merece também uma leitura acurada daqueles que se interessam por tentar fazer com que a escola acompanhe os passos do mundo contemporâneo.

COMENTÁRIOS FINAIS

Para encerrar, um comentário que revela um pequeno descuido formal das autoras: a síntese de todos os capítulos se inicia com a mesma estrutura frasal, que se altera ligeiramente apenas no quarto: Este capítulo tem como propósito / Este capítulo tem como objetivo / Neste capítulo discutimos.... Seria caso de buscar a diversidade também nessa expressão.

¹As autoras citam Cartas sobre a hipermodernidade ou o hipermoderno explicado às crianças (São Paulo: Barcarolla. 2009), de Charles. Os tempos hipermodernos (São Paulo: Barcarolla. 2004) de Lipovetsky.

BIBLIOGRAFIA

MEDEIROS, João Bosco. Redação científica. São Paulo: Atlas. 2000.

MORAES, Artur Gomes de Moraes (org.) O aprendizado da ortografia. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE. 2002.a

_____. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática. 2002.b

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola. 2009. 127 páginas.

_____. & BARBOSA, Jacqueline P. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola. 2015.

SOARES, Magda Beker. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. *In*: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto. 2003.

Informações dos autores

Vanda Bartalini Baruffaldi: Doutora pelo Departamento de Linguística e Semiótica da Universidade de São Paulo. Professora das Faculdades Integradas Campos Salles nos cursos de Pedagogia e Direito.